



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA EM GEOGRAFIA

IZABELA DO NASCIMENTO SILVA

**TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL DO POVO
KATOKINN: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO ESPAÇO
“RETOMADA”**

PARICONHA
2024

IZABELA DO NASCIMENTO SILVA

**TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL DO POVO
KATOKINN: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO ESPAÇO
“RETOMADA”**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Geografia
do Curso de Curso de Licenciatura Intercultural
Indígena da Universidade Estadual de Alagoas
(UNEAL) como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Sousa

IZABELA DO NASCIMENTO SILVA

**TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL DO POVO
KATOKINN: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO ESPAÇO
“RETOMADA”**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Geografia do
Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da
Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em
Geografia.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente



REINALDO SOUSA

Data: 09/05/2025 14:51:37-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Reinaldo Sousa - Orientador

Documento assinado digitalmente



LEONIDAS DE SANTANA MARQUES

Data: 09/05/2025 14:41:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leônidas de Santana Marques

Documento assinado digitalmente



ANGELA MARIA ARAUJO LEITE

Data: 09/05/2025 13:39:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a) Dra. Ângela Maria de Araújo Leite

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, base de tudo em minha vida. Sou profundamente grato à minha família, à minha comunidade indígena e as forças encantadas, a Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), e ao meu orientador, cuja contribuição foi significativa na elaboração do meu trabalho de conclusão de curso. Durante todo esse período de graduação, tive a oportunidade de aprender e me dedicar ao propósito de ser mais um professor dentro de uma comunidade indígena.

Essa jornada não apenas me proporcionou conhecimento, mas também me permitiu abraçar uma oportunidade que abrirá novos caminhos para o aprendizado coletivo. Acredito que essa formação será fundamental para capacitar os indígenas a atuarem dentro de suas próprias comunidades, promovendo o desenvolvimento e a valorização cultural. Juntos, podemos construir um futuro mais inclusivo e rico em diversidade.

Fico imensamente grata a cada um que me incentivou e a cada professor que foi essencial para minha formação e desenvolvimento acadêmico. Meu sincero reconhecimento a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esse momento se tornasse realidade. Reconheço que essa nova etapa é de grande importância para minha trajetória e que representa o início de uma nova jornada em busca de novos conhecimentos e oportunidades.

É com imensa gratidão que encerro mais uma jornada, concluindo um ciclo e iniciando outro, sempre em busca de novos conhecimentos. Lembrando que, acima de tudo, nossa força, perseverança e fé em sermos melhores é o primeiro passo para grandes realizações. Cada incentivo recebido e toda paciência demonstrada, foram fundamentais nesta longa caminhada. Enfim, a determinação nos trouxe até aqui, à realização deste sonho. Agora é buscar uma missão maior, para além daquilo que podemos ver.

.

TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL DO POVO KATOKINN: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO ESPAÇO “RETOMADA”

Izabela do Nascimento Silva
izabela.silva@alunos.uneal.edu.br

Prof. Dr. Reinaldo Sousa (Orientador)
reinaldo@uneal.edu.br

RESUMO

O estudo apresentado analisa o processo de ocupação e resistência dos indígenas do Espaço Retomada na Aldeia Katokinn, localizada no município de Pariconha, sertão de Alagoas. Esse espaço, habitado por cerca de quinze famílias, é reivindicado pelos indígenas, mas ainda não foi demarcado oficialmente, o que tem gerado conflitos. A "Retomada" simboliza a luta contínua pelo direito à terra e à sobrevivência, com destaque para a urgência na demarcação do território, essencial para a preservação das práticas culturais, como o cultivo de ervas medicinais e necessidade de moradia. A pesquisa foi realizada por meio de levantamento bibliográfico e trabalho de campo, utilizando-se de questionários e entrevistas para coleta de dados primários e secundários. A importância deste estudo reside em sua contribuição para a preservação do território como espaço de vida e para a defesa do direito de permanência, fundamental para a resistência e manutenção da cultura indígena. O espaço "Retomada" não é apenas um local de moradia, mas também um lugar de memórias, tradições, e de relação sagrada com a natureza, evidenciada no "terreiro do cansaço", onde são realizados rituais e festividades da comunidade. A importância deste estudo reside em sua contribuição significativa para a preservação do território como um espaço vital para a vida da comunidade indígena. Além disso, reforça a defesa do direito de permanência no local, que é fundamental para a resistência e manutenção da cultura indígena em face das adversidades contemporâneas. Assim, o estudo não apenas documenta uma luta por reconhecimento territorial, mas também destaca a importância dos vínculos culturais e espirituais que definem a vida dos povos indígenas na região.

Palavras-Chave: Espaço Retomada. Ocupação Territorial. Demarcação. Identidade Cultural.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca compreender o processo de ocupação e resistência dos indígenas da Aldeia Katokinn no município de Pariconha, sertão do estado de Alagoas, no que tange ao território “Retomada”, espaço ocupado por eles, mas que tem sido alvo de conflitualidade, por tratar-se de um território reivindicado, mas ainda não demarcado; ali residem cerca de quinze famílias. O espaço “Retomada” representa o processo de luta pelo direito à terra e sobrevivência há anos. Este espaço transcende a mera condição de moradia. É um lugar carregado de memórias coletivas, tradições ancestrais e uma relação sagrada com a natureza. Essa conexão é evidenciada no "terreiro do cansaço", um espaço ritualístico onde são realizados rituais e festividades que fortalecem os laços comunitários e celebram a identidade cultural.

Informações preliminares junto à comunidade dão conta da urgência por demarcação do território, uma vez que a falta de demarcação compromete suas práticas culturais como o cultivo de ervas medicinais, rituais, dentre outros. Trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica com trabalho de campo, desenvolvida mediante coleta de dados primários, a partir da aplicação de questionários e realização de entrevistas com moradores do espaço Retomada, bem como secundários, a partir da breve revisão bibliográfica. A importância desse estudo reside na contribuição para a preservação não apenas do território como espaço de vida, mas também do direito à permanência nas terras ocupadas, como forma de resistência e manutenção da cultura. Afinal, para além de um lugar de pertencimento, existe uma forte relação com a natureza onde busca-se cuidar, cultivar e plantar o que precisam sem, contudo, agredi-la. A “Retomada” retrata lutas históricas de um povo há muito esquecido.

Ali, famílias sem moradia lutam pelo direito a um pequeno espaço. Tentam, a todo custo, garantir a sobrevivência. Afinal, aquele lugar é, para eles, não só uma moradia, mas um ambiente de memórias, tradições, de um modo de vida que une cultura e natureza. O *terreiro do cansaço*, no espaço Retomada, valoriza o sagrado. Ali são realizados rituais e festividades que mantêm vivos os laços que unem a comunidade. O terreiro é considerado um local sagrado para os indígenas. Esse espaço simboliza a conexão entre os seres humanos, a natureza e os encantados¹. Cansaço é uma planta do sertão encontrada na caatinga, utilizada na festividade e durante a dança no terreiro específico somente para esse ritual.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O espaço “Retomada” foi, historicamente, territorializada por grupos não indígenas. Isso tem culminado, historicamente, em tensões e conflitos. Daí o porquê de uma das categorias geográficas aqui utilizadas ser o território, visto aqui como uma manifestação de poder que se estabelece no espaço. Ou seja, o território a partir do seu uso, não o território em si, como diria Santos (2006). O território como autor e não como palco. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (Santos, 2006). Assim, a luta hoje é para garantir os direitos indígenas de retomar estas terras e garantir a sobrevivência dos seus ocupantes indígenas e sua cultura, sua identidade, uma

¹ Na cultura indígena local, os encantados são antepassados que estão, hoje, num outro plano espiritual. Eles protegem, fazem cura e podem, em momentos especiais incorporar em alguns indígenas que possuem algum dom especial para recebe-los.

vez que ali é o seu lugar. Categoria que para Carlos (2007, p. 17-18)

[...] é uma porção do espaço apropriável para a vida- apropriada através do corpo- dos sentidos dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade-vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos.

A autora vai discutir questões importantes relacionados ao lugar ao apontar, nos seus estudos, questões ligadas aos contextos, aos significados, aos pertencimentos dados a cada recorte espacial. Já Santos vai dizer que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (1997, p. 237). Para o autor, as características do lugar podem vir de formas globais, econômicas, tecnológicas, entre outras. Estes autores, cada um à sua maneira, trazem em suas discussões sobre o lugar, opiniões e ideias que retratam mudanças ao longo do tempo, abordando uma evolução de pensamentos e reflexões.

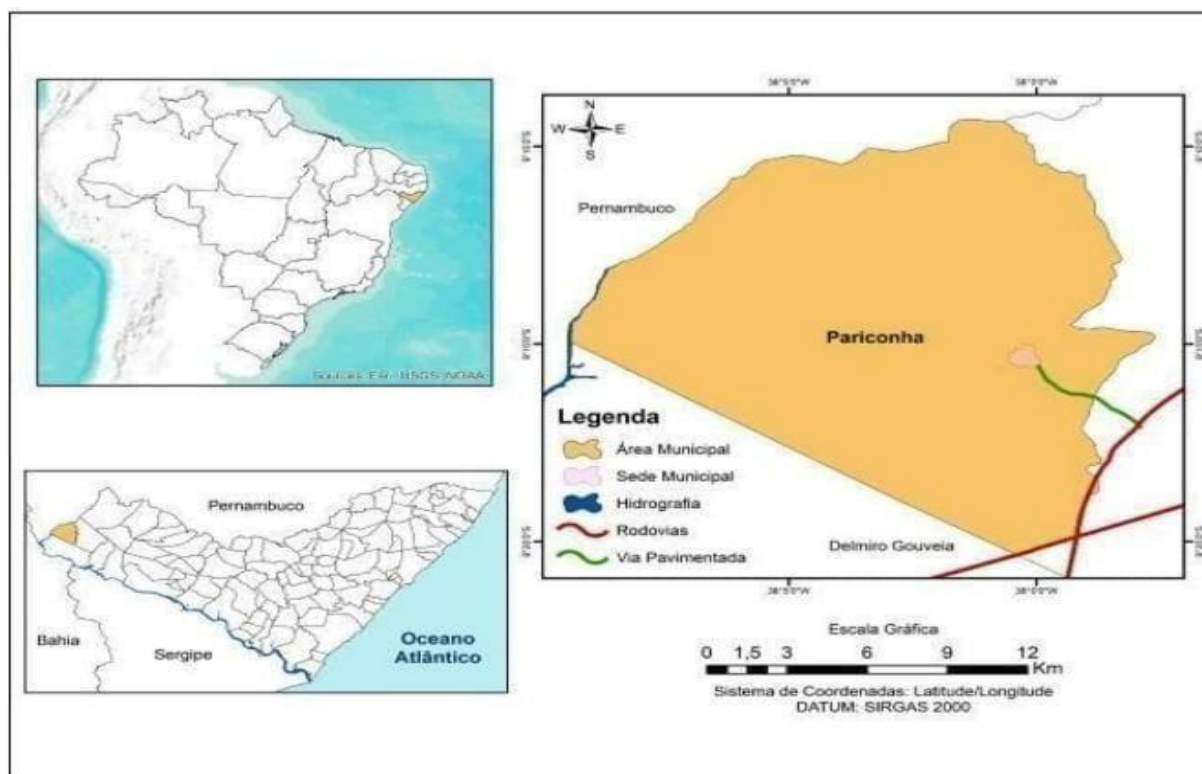
Essa categoria – o lugar - ajuda o geógrafo a estudar e analisar as características únicas de cada área e compreender como influenciam as pessoas. Ou seja, o lugar é marcado, sobretudo, por relações humanas, por aspectos socioculturais que definem a identidade de um lugar, incluindo língua, religião, costumes, tradições, etc. Este lugar não está separado de outros lugares. No tempo da comunicação, na era da globalização os lugares se conectam, interagem com outros lugares. Assim, podemos observar diversas transformações em relação ao lugar e isso acontece porque as pessoas modificam os lugares para atender diferentes necessidades. Algumas transformações são rápidas, outras mais lentas. Para nós indígenas, cada lugar ou até mesmo uma estrada de terra tem um significado, e quando pavimentada muda sua condição física, mas sua essência permanece. Ou seja, os lugares refletem os modos de vida e deixam marcas que atravessam o tempo mantendo, apesar das mudanças, sua essência. Enfim, Mizusaki vai dizer que “[...] O lugar é compreendido como o espaço vivido, carregado de significados e afetividades, onde se constroem identidades e relações sociais”.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Município de Pariconha (figura 1) está localizada no Estado de Alagoas, com uma área territorial de 254,719 km². Está, regionalmente, na Região Intermediária de Arapiraca e na Região Imediata de Delmiro Gouveia. Sua população é de 10.573 habitantes, sendo que destes 7.593 estão na zona urbana e 2.953 na zona rural. Sua densidade demográfica é de 41,51 hab./km² e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é de 0,548, de acordo com o IBGE. Recentemente, o município completou 32 anos de emancipação política, uma vez que fora criado

pela constituição estadual em 5 de outubro de 1989, a partir do desmembramento de Água Branca.

Figura 1: Localização de Pariconha-AL



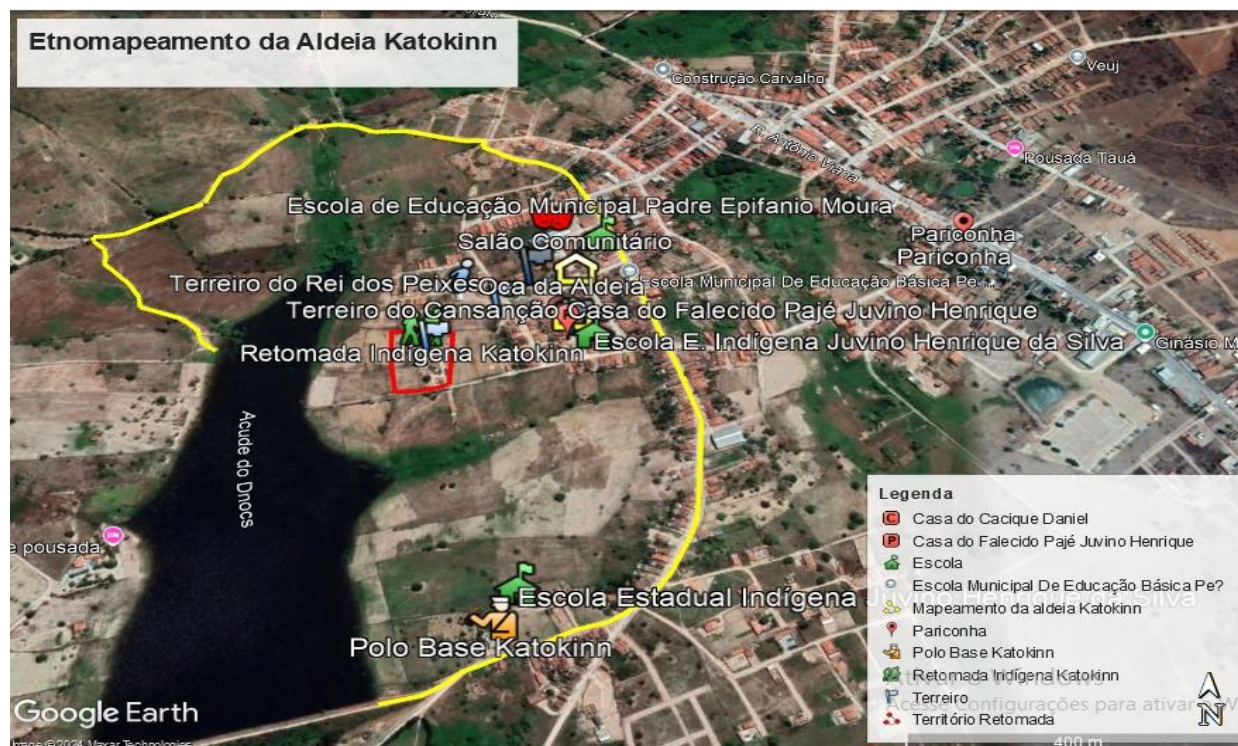
Fonte: Oliveira Amanda da Silva de 2018, UFAL.

A economia local é baseada principalmente na agricultura e pecuária, com algumas famílias se dedicando à criação de animais de pequeno porte ou pequenas plantações. Além disso, parte da população trabalha como servidores públicos recebendo um salário mínimo. Pariconha se destaca por ter a maior proporção de indígenas entre os municípios alagoanos. Ali, 56,12% dos 10.573 habitantes se auto identificam como indígenas, representando 5.934 indígenas conforme o censo de 2022, divulgado pelo IBGE. A aldeia Katokinn (figura 2) está localizada no alto da Boa Vista, neste município.

Atualmente a comunidade conta com cerca de 3.380 indígenas cadastrados. São descendentes do povo Pankararu, localizado em Tacaratu- Pernambuco. São indígenas resistentes, vindos de famílias migrantes, a exemplo da família Henrique, que se estabeleceu na cidade, no alto da boa vista, dando início a aldeia. A liderança ficou por conta do saudoso Pajé Juvino Henrique e sua filha Cacica Maria das Graças, conhecida como Nina. Trazendo o toré como fortalecimento

dos seus antepassados e símbolo da tradição e resistência indígena, o nome da Aldeia foi revelado a primeira Cacica Nina, por etapas de sonhos, afirmando a identidade cultural e confirmando o nome da aldeia, tendo seu reconhecimento étnico no ano de 2003.

Figura 2: Território Katokinn²



Organização: Autora a partir do Google Earth, 2024.

Segundo Vieira “[...] o povo Katökinn vive na periferia da cidade de Pariconha, localidade denominada Alto de Pariconha. Organizado com os Karuazu, resolveu assumir a própria organização étnica a partir de setembro de 2002” (Vieira, 2010, p. 10-11). A liderança da comunidade é, atualmente, exercida pelo Cacique Daniel Soares do Nascimento, sobrinho da falecida Cacique Nina, pelo Pajé Welisson e outras lideranças que participam dos conselhos indígenas, de saúde e educação. A comunidade tem como importante atividade cultural a figura do *Praia*. Com vestimentas feitas do caroá, uma planta típica do Sertão. Além desta manifestação, destacam-se, ainda, o *Toré*, e a *Flechada do Umbu*, *Queima do Cansação*, e *Puxada do Cipó*.

Ali há uma escola indígena, a Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva. Que recebeu esse nome em homenagem ao antigo pajé da comunidade. A instituição oferece um ensino diferenciado, com foco na valorização e na inserção dos saberes culturais e tradicionais do povo

² Figura elaborada na disciplina “Espaço e Territorialidade” por mim e minhas colegas da comunidade a partir do Google Earth, durante o curso de licenciatura intercultural indígena da universidade Estadual de Alagoas, destacando os principais pontos da nossa comunidade em especial o Espaço Retomada.

Katokinn, reforçando a identidade e o legado dessa cultura indígena. Há, também, um Polo Base de Saúde para os Indígenas, que conta com profissionais de saúde para acompanhamento das famílias cadastradas. Em relação à forma de economia na comunidade, muitas famílias vivem da agricultura, ou recebem benefícios do governo, como Bolsa Família. Outras viajam buscando trabalho fora da comunidade, algumas vivendo de forma autônoma com a produção de artesanato, manicure, cabeleireira entre outras produções.

Figura 3: Salão de Preparação dos Rituais



Fonte: Autora, 2024.

Figura: 4 Ritual dos Praiás



Fonte: Autora, 2024.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Processo de luta e ocupação territorial do espaço “Retomada” deu-se em 2009, a partir da iniciativa da falecida Maria das Graças, conhecida popularmente como cacica “Nina” e indígenas da Aldeia Katokinn. O objetivo da ocupação era, inicialmente, a construção de uma Escola e um Polo base de Saúde que atendessem os indígenas da comunidade Katokinn. Mas a luta se estendeu e incorporou a luta pelo próprio território. A Constituição Federal de (Brasil, 1988) no seu artigo 231, reconhece aos indígenas o direito à organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, além das terras que tradicionalmente ocupam. Entretanto, a realidade é diferente do que está na carta magna. A figura 3 representa o salão da nossa comunidade, onde ocorre toda preparação ritualista para início de cada Toré. Já a figura 4 mostra os Praiás da nossa comunidade, em momento ritualístico onde dançam e cantam dentro do terreiro da nossa comunidade.

Algo bem representativo desta luta é a bandeira (figura 5), que traz a figura de um Praiá, simbolizando a ocupação do território pelos indígenas reivindicando seus direitos sobre aquela terra. O processo de ocupação do território foi bastante conflituoso, pois o proprietário não queria perder suas terras. No início, os indígenas viviam com muito medo do que eles poderiam fazer. Para tentar conciliar e resolver a questão, a Funai, o Ministério Público e outros órgãos federais e municipais frequentemente visitavam o espaço e durante a noite, havia um esquema de escalas para vigiar os barracos.

Figura 5: Primeira Bandeira Indígena hasteada na Ocupação Retomada.



Foto: Zennus, Dinys 2009.

Na porteira, um dos indígenas era responsável pelo controle de entrada e saída. À noite, dormiam à luz do luar ou acendiam candeeiros, uma vez que ainda não tinham luz elétrica. O modo de vida na comunidade era bastante simples, cada família cuidava de sua moradia e de suas tarefas durante a rotina diária, preparavam suas próprias comidas. Não tinham muita água e dependiam de um açude das proximidades. Com o tempo a situação foi melhorando. Naquele espaço, havia um terreiro feito pelos indígenas, onde dançavam o toré e praticavam seus rituais, reunindo-se em volta para manter suas tradições. Algumas famílias tinham casas fornecidas pelo governo e, durante determinados horários, saíam para cuidar dessas casas antes de voltarem para seus barracos, enquanto deixava algum familiar cuidando durante sua ausência. Para essas famílias, retornar àquele espaço e estabelecer uma moradia própria era parte da luta pela terra.

No início da ocupação do espaço Retomada, as primeiras casas foram construídas pelos

próprios moradores, utilizando madeira da mata e lonas (figura 6). Algumas vezes, eles improvisavam com lençóis e cobriam os telhados com palha de Ouricuri ou coqueiro. O preconceito e o desrespeito eram intensos. Muitos acusavam os indígenas de ladrões e gritavam para que deixassem aquela terra, era uma luta para ocupar e ficar no próprio espaço. Além disso, havia tentativas de violência contra os povos indígenas, tentativas de incendiar os “barracos” como era conhecido, com todos os pertences dentro, mesmo sendo imóveis simples, mas essenciais para quem não tinha outra casa. Hoje em dia, a maioria das casas é de taipa ou pau a pique como também conhecida (figura 7).

Figura 6 - Primeiras Moradias construídas em madeira e lona dentro no Espaço Retomada



Foto: Zennus, Diny's 2009.

Figura 7: Moradias atuais do Espaço Retomada



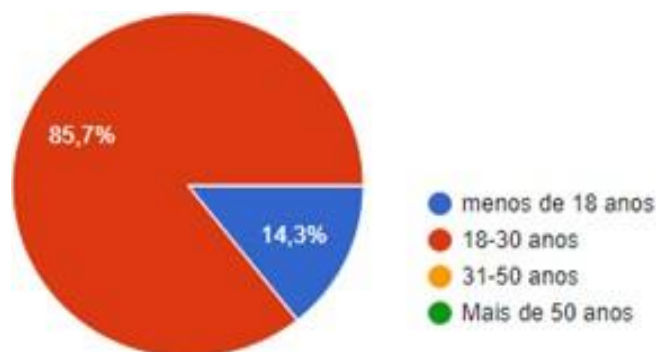
Fonte: Autora, 2024.

Para evitar maiores danos, pensou-se em construir casas de taipa, que seriam mais difíceis de serem queimadas. Além das ameaças de incêndio, os indígenas também eram alvos de pedradas, acusações de roubo e até tiros disparados nas proximidades da retomada, tudo na tentativa de forçá-los a abandonar o local. Assim, foram retirados do local por ordem da justiça, com a presença da Polícia Federal e do Ministério Público. Durante a desocupação, a polícia ajudou a transportar os pertences de alguns indígenas que tinham casas doadas pelo governo para suas residências. Para aqueles indígenas que não possuíam terras nem moradias, foi pensado, em conjunto com o governo municipal da época, em providenciar um espaço para que não ficassem desabrigados. Esse espaço, localizado dentro do território indígena, pertencia a um proprietário que, atuando como órgão municipal, cedeu a área para essas famílias indígenas. Em um dos relatos, uma moradora conta a angústia de ver seus poucos pertences retirados e o olhar de espanto dos indígenas ao serem expulsos de suas próprias terras. Assim, a nossa luta é histórica e faz lembrar o passado que, segundo Morissawa,

[...] a luta pela terra no Brasil nasceu naquele mesmo instante em que os portugueses perceberam que estavam em uma terra sem cercas, onde encontravam tudo muito disponível. Os habitantes do local, então, diante de armas e intenções nunca imaginadas, teriam muito de lutar contra esse verdadeiro caso de invasão (Morissawa, 2001, p.57).

Para entender estes tensionamentos numa perspectiva territorial, recorremos a Raffestin (1993), quando aborda sobre territorialidades. Para ele, a territorialidade reflete uma multidimensionalidade do vivido pelos membros de uma dada coletividade. Essa coletividade no caso em estudo, reflete conflitos e tensionamentos e confirmam a ideia do próprio Raffestin de território como uma relação de poder. Assim, para uma melhor compreensão da comunidade, tabulamos e analisamos alguns dados que consideramos importantes. Trata-se de uma comunidade cuja faixa etária é de 85,75% entre 18 a 30 anos e 14,3% menores de 18 anos (gráfico 01). Esses moradores são descendentes da primeira ocupação do espaço retomada, estão lá há mais de trinta anos. Este é um dos fatores limitantes para respostas por meio digitais, sua pouca familiaridade com as tecnologias. São moradores que construíram e lutaram por aquele espaço, apesar de jovens ou adolescentes à época.

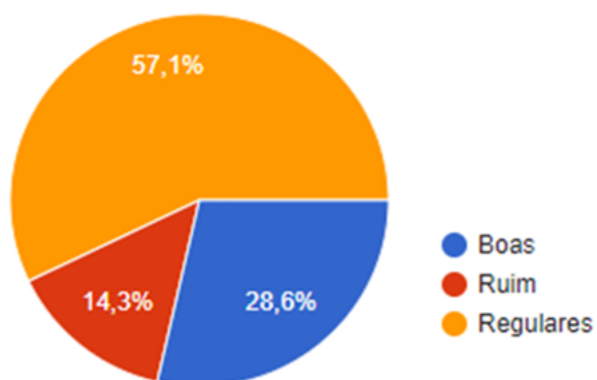
Gráfico 1 – Faixa Etária dos Moradores do Espaço Retomada



Fonte: Trabalho de Campo, 2024.

De acordo com os dados levantados, 57,1% dos entrevistados consideram as condições de moradia como boas, 14,3% como ruins e 28,6% como regulares (gráfico 2). No entanto, o que verifica na realidade é que a estrutura das moradias construídas em taipa pode favorecer a proliferação de insetos, especialmente o barbeiro, transmissor da doença de Chagas, representando um risco à saúde. Essa situação destaca a necessidade urgente de melhorar as condições de moradia, mesmo diante de tantos desafios. Outra realidade detectada é que carece de atenção diz respeito à renda média das famílias. A maioria é beneficiária de benefícios do Governo Federal. Pelo menos 95% dos responsáveis familiares recebem auxílio do Bolsa Família, enquanto os outros 5% dependem de trabalhos domésticos, como manicure, contratos temporários ou outras formas de renda.

Gráfico 2 - Condições de moradia do Espaço Retomada

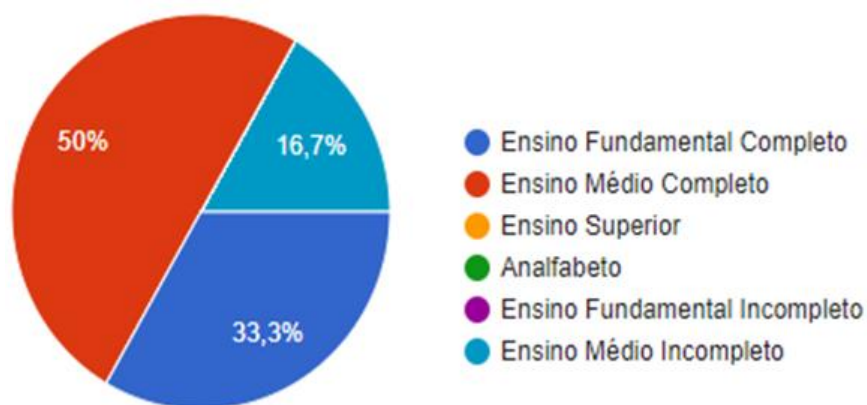


Fonte: Trabalho de Campo, 2024.

Em entrevista realizada, por ocasião do trabalho de campo, uma das moradoras do “Espaço retomada” deixa claro sua crítica ao preconceito sofrido, quando muitos rotulam sua moradia de barraco. Afinal, este termo vem sempre carregado de uma perspectiva negativa. Nas palavras dela: “*Eu não moro em um barraco. Eu moro em uma casa!*”. Ou seja, apesar de as casas ainda não serem de alvenaria, elas constituem, sim, uma moradia. A maioria dos moradores, quando questionados, sobre as condições de moradias, respondeu que vive em situação regular.

A comunidade tem uma escola que atende a toda demanda indígena, inclusive os moradores do espaço retomada, ofertando os ensinos dos anos iniciais, fundamental e médio. A escola tem atendido às demandas da comunidade. Assim, aqueles alunos que não concluíram sua escolaridade na faixa etária e no tempo correto, ao retornarem à comunidade, são procurados, numa espécie de busca ativa, pelos profissionais da Escola Juvino Henrique. Feito o contato, é oferecida a oportunidade de conclusão. O nível de escolaridade é de 50% para o ensino médio completo, 16,7% ensino médio incompleto e 33,3% ensino fundamental completo (gráfico 3). Os que possuem menos estudos, em grande parte deixaram de estudar em função do trabalho. Muitos migraram para outros lugares em busca de trabalho no corte de cana, na colheita de cebolas, ou mesmo café. Muitas das vezes são trabalhos irregulares, onde os indígenas são explorados. Essa saída de suas comunidades acaba levando a um afastamento das tradições e obrigações ritualísticas.

Gráfico 3 - Escolaridade dos Moradores do Espaço Retomada



Fonte: Trabalho de Campo, 2024.

Ao falar das condições das escolas, uma entrevistada diz que “*Naquele tempo era no chão, daquele tempo daquelas cadeiras vermelhas. A diretora comprava a merenda. E, foi a comunidade quem ajudou a construir a Escola*”. Atualmente a escola possui uma outra estrutura. Assim, apesar das dificuldades, a comunidade tem uma escola para que seus indígenas possam estudar, mas é preciso avançar. A luta não pode parar. Não podemos nos acomodar. Afinal, a

educação, através do conhecimento, é a chave para a mudança, para a conquista, inclusive, da terra, do território.

Figura: Desenho de Aluno do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola E. Indígena Juvino H. da Silva, representando o “Espaço Retomada”.



Fonte: Autora, 2024.

O desenho foi produzido por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva, instituição que homenageia, em seu nome, o falecido pajé da comunidade. A representação retrata com sensibilidade o espaço vivido atualmente pelo estudante, destacando elementos significativos do cotidiano: as casas de taipa, os fios de arame que delimitam o território e as moradias, a porteira que marca o acesso de moradores e visitantes, e o terreiro do cansanção, espaço de grande valor simbólico e cultural para a comunidade. Cada traço do desenho revela a simplicidade e a riqueza da realidade local, expressando, com autenticidade, o modo de vida e a relação dos moradores com o espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de campo, abordando a realidade dos povos indígenas do “Espaço Retomada”, na Aldeia Katokinn. Ali os indígenas vivem em busca de um território para chamar de seu e viverem suas vidas em paz. A luta é, portanto, por demarcação. O objetivo ao elaborar este artigo é dar visibilidade à luta desses povos que se esforçam para manter vivas suas tradições e garantir um espaço digno para moradia e ressaltar a resistência histórica dos povos indígenas em preservar suas tradições, territórios e modos de vida, enfrentados ao longo

do tempo. Minha ida a campo permitiu observar a necessidade urgente de terra para esse povo originário, que enfrenta desafios diários, incluindo a luta por seus direitos territoriais. As casas, construídas de taipa, estão vulneráveis a problemas causados por chuvas intensas, sem contar na preocupação de ficar sem moradia. Assim, surge pensar políticas públicas que sejam voltadas para este público.

Além dos problemas já mencionados, outros ainda persistem na comunidade. Destacam-se, por exemplo, as dificuldades de acesso, marcadas pela presença de uma porteira simples e por ruas sem pavimentação. Soma-se a isso a ausência de rede de esgoto, o que representa um sério risco à saúde dos moradores, podendo provocar doenças diarreicas, entre outras. O acúmulo de água parada também favorece a proliferação de mosquitos, agravando os problemas sanitários. Em períodos chuvosos, o acesso à comunidade torna-se ainda mais difícil, o que compromete não apenas a mobilidade, mas também a segurança dos moradores. Além disso, esses fatores contribuem para impactos ambientais significativos. Diante desse cenário, torna-se urgente e necessário assegurar melhores condições de vida para os moradores indígenas que habitam esse território.

Espero que este trabalho contribua para melhorias nas condições de vida desses moradores, despertando a atenção de políticas públicas que possam auxiliar o Cacique e toda a comunidade na busca por seus direitos. Enfim, muito além dos direitos, buscamos garantias mínimas de sobrevivência indígena e preservação da nossa cultura, para que possamos praticar nossas tradições, permitindo que ela seja repassada às próximas gerações. Não somente como um resgate de território, mas, uma afirmação de existência, cultura e direitos. Isso leva a refletir sobre a luta dos povos indígenas pela terra e traz a relevância do tema para valorização dos seus direitos.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Siloé Soares. **Índios Ressurgidos: A construção da autoimagem: Os Tumbalalá, Os Kalankó, Os Karuazu, Os Catokinn e os Koiupanká**. Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas. Instituto Artes 2003.
- CARLOS, Ana Fani Furtado Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, São Paulo: FFLCH, 2007, p. 17- 18.
- HARVEY, David. 1935. **Os limites do capital**/ David Harvey; tradução de Magda Lopes

– [1. Ed] - São Paulo: FFLCH, 2007, p. 17-18.

Mizusaki, M. Y. (2018). Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: **lutas e conflitos territoriais**. In S. M. M. dos Santos & M.Y. Mizusaki (Orgs.), Territórios em disputa: conflitos e resistências (pp. 45-68). Editora da UFMS.

MORISSAWA, Mitsue. **A História da Luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão popular, 2001. Acesso em maio de 2024.

SANTOS, Milton, 1926-2001. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção/4. ed. 2. Reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1) Bibliografia.

SANTOS citado por VIUDES, Paula Fonseca do Nascimento. **Território, território usado e lugar: Interface da geografia e Assistência Social**. Londrina PR. De 09 a 12 de junho de 2015. Acesso dia: 03 de maio de 2024.

VIEIRA, Jorge Luiz Gonzaga, **Povos do sertão de Alagoas: confinamento, diáspora e reterritorialização**. GEPIDADE, Itabaiana, n. 4, v. 8, p. 5-23, jul. Dez.

ANEXOS

Figura: Primeiras Lideranças da Aldeia Katokinn: Saudosa Nina Cacique e Saudoso Pajé Juvino



Fonte: Siloé Amorim, 2003.

Figura: Liderança atuais da Aldeia Katokinn: Cacique Daniel



Figura: Pajé Welison de Araújo Soares



Fonte: Arquivo Pessoal de Daniel Soares do Nascimento, 2024. Fonte: Valentim, Anawê 2024.

Figura: Visita da Equipe de Saúde Indígena ao Espaço Retomada para realização de Atividade de Educação em Saúde com orientação sobre a Doença de Chagas e seu transmissor, o Barbeiro.



Fonte: Bertoleza, 2024.

Figura: “ Espaço Retomada.”



Figura: Moradias do “ Espaço Retomada”.



Fonte: Autora, 2024.

Figura: Terreiro do Cansanção



Fonte: Autora, 2024.